Atualmente, outras gêmeas siamesas ligadas pela cabeça serão operadas em Ribeirão Preto

CASOS EMBLEMÁTICOS

Diversos casos que entraram para a história da medicina foram tratados em Ribeirão Preto

Por ser um polo nacional na área da saúde, pacientes de todo o Brasil procuram os hospitais de Ribeirão Preto. Ao longo dos anos a cidade recebeu diversos casos emblemáticos, como o primeiro transplante de fígado realizado no interior de São Paulo, a primeira separação de gêmeas siamesas unidas pela cabeça no Brasil, o homem que foi curado de um linfoma terminal, entre outros. No meio de todos esses casos históricos que aconteceram na cidade, o Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP se tornou referência em diversos atendimentos, recebendo casos de todos os cantos do Brasil.

TRANSPLANTE DE FÍGADO

No final da década de 80, Ribeirão Preto passava dos 400 mil habitantes e tinha dimensão para estruturar a própria equipe de transplante de fígado. Porém, não possuía profissionais treinados e nem estrutura para isso. A criação dessa equipe teve início com estudos conduzidos pelos médicos e professores Orlando de Castro e Silva Júnior e Ana Martinelli, apoiados pelos professores Reginaldo Ceneviva e Ulysses Meneguelli, chefes das Disciplinas de Gastroenterologia Cirúrgica e Clínica respectivamente. No final dos anos 90, a equipe já estava pronta para iniciar o programa de transplante de fígado no HCFMRP-USP. "Foram mais de dez anos de preparação; um processo que começou com a habilitação médica e culminou com a organização da estrutura institucional necessária para este procedimento complexo", afirma o professor aposentado da USP,

Em 50 anos de profissão, Hélio Machado nunca havia enfrentado um caso com tanta complexidade

Orlando Castro e Silva Júnior. De acordo com ele, durante 15 anos foi criado um ambiente de pesquisa direcionado ao estudo experimental de doenças hepáticas e principalmente ao treinamento técnico experimental para transplante de fígado em cães, ratos e porcos – o que naquela época era ético e permitido.

Em 2001, com a equipe já estruturada e treinada, surgiu a oportunidade de realizar o primeiro transplante. "Eu estava em um congresso em Vitória, no Espírito Santo e fui notificado que havia um doador em Ribeirão Preto. A cirurgia começou em torno das 19h. Eu cheguei, me preparei para a cirurgia. Descansei e refleti sobre tudo o que poderia dar errado", contou o professor. O doador foi uma pessoa que teve morte encefálica, na Unidade de Emergência do HC. Apesar da fatalidade, o fato contribuía para o sucesso da doação, tendo em vista que em muitos casos os órgãos precisam ser transportados de um município para o outro. Ao todo, cerca de 40 pessoas estavam prontas para dar início à cirurgia. Porém, um imprevisto atrasou o procedimento. "Às 23h tivemos um problema com o ar condicionado. O transplante não podia ser cancelado! O paciente já estava clinicamente e psicologicamente preparado para o transplante", lembrou o Castro e Silva.

Por volta das 2h da madrugada o defeito foi consertado e o transplante pode acontecer. Ao todo, a cirurgia durou 12 horas. O paciente transplantado, vindo da cidade de Campinas, teve uma boa evolução pós-operatória, recebeu alta hospitalar dez dias após a cirurgia. Com o sucesso do procedimento, estava consolidada a instalação definitiva do terceiro centro de transplante de Fígado do Interior do estado de São Paulo. Segundo Castro e Silva, o transplante deixou um legado para a ciência e a medicina em Ribeirão Preto. A capacitação dos profissionais e os avanços nas pesquisas nessa área elevaram o nível dessa área na USP. "A pesquisa continua. Só com o transplante de fígado você pode montar toda uma faculdade de medicina porque é um processo muito complexo", destacou. Desde então, o hospital já efetuou cerca de 500 transplantes de fígado, com capacidade para a realização de 40 por ano.

GÊMEAS SIAMESAS

Mais de 50 profissionais participaram do caso das gêmeas siamesas, Maria Ysabelle e Maria Ysadora, que nasceram unidas pela cabeça. Em 2017, o professor e neurocirurgião responsável pelo caso, Hélio Rubens Machado, recebeu uma ligação de um colega que trabalha no Ceará dizendo que havia um caso complicado por lá. "Já tinham passado vários médicos e todos diziam que não tinha o que fazer, porque eram crianças gêmeas que nasceram unidas pela cabeça. Ele como neurocirurgião, tendo trabalhado comigo, sabia o que era, mas ele também não tinha condições de fazer qualquer cirurgia lá e por isso me ligou perguntando se poderíamos receber aqui", contou Machado. Mesmo com cerca de 50 anos de experiência, o mé-

dico nunca havia presenciado um caso assim, e, por isso, convidou um amigo americano, James Goodrich, único neurocirurgião do mundo com bagagem em cirurgias como essa na época. A cirurgia aconteceu quando as irmãs tinham cerca de um ano e quatro meses. Segundo o médico, ele se encontrava muito com Goodrich em congressos, que contava sobre seus casos. "Eu via as apresentações dele, ou seja, eu sabia o que era, como fazer tudo, mas nesses casos, nós temos que ter pessoas que já venceram certas barreiras", acrescenta o professor.

A separação das gêmeas foi concluída em 2018 após quatro procedimentos, com intervalos de dois a três meses cada. Machado explica que o motivo de serem realizadas várias cirurgias se deu devido à formação dos cérebros das crianças. "Não tem jeito de simplesmente cortar ao meio, porque senão machuca o cérebro das duas, a cirurgia precisa ser feita por etapas. A cada etapa o cérebro sente o que está sendo mexido ali – principalmente na circulação venosa – e se acomoda. Outros lugares do cérebro passam a funcionar para suprir esse que foi separado, e então, vem a etapa seguinte", explica o neurocirurgião Atualmente, elas têm um atraso no desenvolvimento que era esperado pelos profissionais, mas elas andam e demonstram uma boa relação com a família e amigos na escolinha. Para Machado, o caso de sucesso dessas irmãs teve um impacto positivo em Ribeirão Preto, trazendo a tecnologia de modelos 3D em tamanho real dos crânios que foram utilizados para estudar as possibilidades de cirurgia, além de reforçar o tratamento multidisciplinar do HC. Somado a isso, abriu portas para outros casos semelhantes, como é o caso de novas gêmeas siamesas ligadas pela cabeça que serão operadas nos próximos meses na cidade.

O sucesso da cirurgia com as irmãs do Ceará atraiu novos casos para Ribeirão Preto. Uma nova separação de gêmeas siamesas unidas pela cabeça será realizada pelo HC nos próximos meses. Para ajudar na preparação do procedimento um modelo de resina de tamanho foi feito em uma impressora 3D nos Estados Unidos das pacientes. A família não é de Ribeirão Preto, mas veio para cá em busca de um tratamento para a condição das crianças. "Como as outras famílias viu que as filhas teriam isso e vieram para cá. As crianças nasceram aqui, elas estão com um pouco mais de um ano agora", afirmou Machado. O médico conta ainda que a pandemia atrasou o procedimento por conta da lotação no Centro de Terapia Intensiva (CTI) Pediátrica do hospital, mas que agora, com a queda nos índices da Covid-19, a cirurgia pôde ser programada. "Nós estamos retomando tudo, recontratando funcionários etc. Vamos refazer, montar a equipe e programar a cirurgia que será agora nos próximos dois, três meses", explicou.

"Em tudo na vida há a primeira vez efetiva, mas sempre depois de muito treino", afirma Orlando de Castro e Silva Júnior

TRATAMENTO DO CÂNCER

Em 2019, um tratamento desen-

COM O SUCESSO DO PRIMEIRO, MAIS UM CASO DE GÊMEAS SIAMESAS SERÁ TRATADO EM RIBEIRÃO PRETO NOS PRÓXIMOS MESES

O câncer de Vamberto apresentou remissão total, 20 dias após o início do tratamento

volvido por pesquisadores e médicos do Centro de Terapia Celular (CTC-FAPESP-USP) do Hemocentro, ligado ao HC, curou o câncer de um paciente de 62 anos, com linfoma – um tipo de câncer que afeta o sistema imunológico – em estado grave. O paciente, o aposentado Vamberto Castro, 62 anos, de Belo Horizonte, sofria de uma forma avançada de linfoma de células B, e não havia respondido a nenhum dos tratamentos de quimioterapia e radioterapia indicados para o caso. Com isso, o prognóstico era de menos de um ano de vida. Ele foi o primeiro brasileiro a ser tratado com a terapia celular, inédita na América Latina. Em menos de 20 dias após o início dos procedimentos, o paciente apresentou remissão total do câncer, com exames que mostram o desaparecimento das células cancerígenas.

Frente à falta de resposta a qualquer das terapias convencionais disponíveis, o tratamento com as chamadas células CAR-T, ainda em fase de pesquisa, foi autorizado como último recurso, ou "uso compassivo ". "O paciente tinha um câncer em um estágio terminal, já tinha sido submetido a quatro tipos diferentes de tratamento, sem resposta. Estava no que nós chamamos tratamento compassivo, que é tratamento sintomático, esperando o desencadear normal, que é o óbito. Estava na fila dos sem possibilidade de tratamento", lembra o médico Dimas Tadeu Covas, coordenador do Centro de Terapia Celular (CTC) da FMRP, da USP. O paciente foi então incluído no protocolo de pesquisa e recebeu o novo tratamento, permanecendo em observação no HC por duas semanas. Vinte dias depois, seus exames já não apresentavam sinais da doença. Após ser curado da doença, Castro faleceu em um acidente doméstico sem nenhuma relação com o câncer.